



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar “Vinhos do Brasil”**

**Brasília - DF, 26 de dezembro de 2007**

Primeiro, quero cumprimentar meus companheiros ministros que estão aqui, a Dilma, o Tarso Genro, o Samuel Pinheiro,

O nosso companheiro Silvio Crestana, presidente da Embrapa,

Cumprimentar o Zaneti, que acabou de falar,

Cumprimentar o Dênis Debiasi, presidente do Instituto Brasileiro do Vinho e o Christian Bernardi, diretor da Associação Brasileira de Enologia,

Não vai ter discurso, porque eu queria ser bem simples aqui, como merece este ato. Eu digo sempre que muitas vezes nós, brasileiros, que fomos colonizados há muitos anos, ainda carregamos na nossa formação cultural determinados preconceitos de um povo que, muitas vezes, valoriza muito as coisas de fora e valoriza pouco as coisas de dentro. Isso não chega a ser um pecado muito grave, na medida em que nós precisamos... nós devemos desculpas aos preconceitos que ao longo dos anos foram sendo jogados na nossa cabeça. Então, vira e mexe você ouve: “o cinema brasileiro não presta, o que presta é o cinema de tal país, não sei o quê do Brasil não é bom, o que é bom é tal coisa de tal país”, e vai por aí fora. Ou seja, vamos sempre encontrando um jeito de dizer que as nossas coisas são inferiores.

Eu tenho conversado muito com o embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores. Depois, um dia, eu encontrei com o Zaneti e falei: Zaneti, é preciso que a gente comece a fazer alguma coisa a mais pelos empresários que há tantos anos produzem vinho neste País. É preciso que a gente comece a dar uma dimensão na qualidade dos produtos que nós produzimos, para que a gente não seja tratado de forma inferiorizada, como



nós somos.

Então, as pessoas falam que tal país produz vinho melhor do que o Brasil e, daqui a pouco, todo mundo produz mais vinho do que nós e melhor do que nós. Eu não posso conceber que isso seja verdade. Obviamente que tem país que tem tradição quase milenar na produção de vinho, que tem mais tecnologia e obviamente que nós respeitamos isso e queremos preparar, aperfeiçoar para que a gente possa competir com eles logo, logo. Mas não reconhecer os avanços que tem acontecido no Brasil é fechar os olhos diante da capacidade e da criatividade do povo brasileiro.

Eu penso que nós só vamos conseguir projetar o vinho brasileiro na dimensão que outros vinhos foram projetados, na medida em que a gente comece a gostar das coisas que nós fazemos, a valorizar as coisas que nós fazemos, a divulgar as coisas que nós fazemos, a dar de presente as coisas que nós fazemos, a colocar à mesa as coisas que nós fazemos, a servir nos nossos jantares, nos nossos almoços, nos nossos brindes, as coisas que nós fazemos.

Uma coisa, Zaneti, que me chama a atenção... por exemplo, a cachaça brasileira já ganhou fama internacional. Hoje você vê, no mundo inteiro você encontra gente falando da cachaça brasileira. Por quê? Porque ao longo desses anos todos a cachaça brasileira foi valorizada, foi divulgada, foi sendo aperfeiçoada e, hoje, se exporta muita cachaça.

Ora, nós temos países competidores conosco, na questão do vinho. E temos países mundo afora, não apenas poucos países, mais muito países. Então, a primeira coisa que nós precisamos fazer é, enquanto brasileiros, divulgar as coisas que nós fazemos, valorizar as coisas que nós fazemos. Se a Dilma Rousseff, ao querer me dar um vinho de presente, for me dar um vinho de outro país, ela não estará contribuindo - pode dar, tem sempre chance - ela não estará contribuindo com esta que é a minha angústia... se o Zaneti for me dar um vinho de presente - que não deu ainda, também - e for me dar um



vinho de um outro país irmão, mesmo que seja do Mercosul ou da América Latina, não estará contribuindo com a nossa indústria. Então, eu falei para o Zaneti: vamos juntar os enólogos brasileiros e vamos tentar fazer uma lista de vinhos, para que a gente possa escolher aqueles que são os melhores, que possam servir de padrão para os jantares que a gente fizer no Itamaraty, no Palácio da Alvorada, para dar de presente para as pessoas que vêm nos visitar. As pessoas nos dão as coisas que elas bebem e a gente aceita de bom grado. Por que a gente não dá as coisas que nós fabricamos, para eles, de presente?

Que as embaixadas do Brasil no exterior possam fornecer vinhos brasileiros. É sempre um gesto de ousadia. Eu acho que nós precisamos ter mais ousadia com a qualidade dos vinhos que nós produzimos porque, senão, todo mundo fala bem do Chile, fala bem da Argentina, fala bem da África do Sul, fala bem da Califórnia, fala bem da França, fala bem da Itália... Nós ficamos olhando as pessoas falarem bem, e nós temos que entrar na luta para dizer: nós queremos competir em igualdade de condições. Eu acho que nós temos condições. Obviamente que nós temos que consertar as deficiências. Se tiver falsificador, nós temos que punir esse falsificador. É preciso que a gente prime pela qualidade das coisas que nós produzimos, pela marca que nós produzimos. Afinal de contas, tem vinho produzido no Brasil por família que está há mais de 100 anos produzindo vinho, que é uma coisa que passou de pai para filho, e a gente não pode permitir que uma pessoa qualquer possa falsificar um produto e colocar no mercado, atrapalhando, como atrapalha a pirataria em tantos outros produtos.

Então, essa reunião aqui, Zaneti, e por isso eu não quero fazer discurso, eu não quero transformar isso num ato, porque um ato a gente faria no Rio Grande do Sul, faria lá no Vale do São Francisco, faria no Paraná, faria em qualquer lugar. Isso aqui é apenas um gesto simbólico para dizer a vocês que eu quero ser parceiro, para que a gente possa fazer com que o vinho brasileiro



entre na mesa das comemorações que acontecem pelo mundo afora. Acho que nós temos condições. Nós precisamos cuidar das nossas embalagens, precisamos fazer um merchandising, porque hoje tem que ter uma coisa, não é só dizer “meu produto é bom”. Temos que fazê-lo ser bom, e fazê-lo parecer ser bom, não adianta as pessoas abrirem a garrafa.

Eu quero que vocês tenham o governo como parceiro nisso. O meu compromisso com vocês é que, daqui para a frente, o Samuel Pinheiro vai tomar mais vinho brasileiro quando for necessário, Tarso Genro vai tomar mais vinho brasileiro, e a gente tornar isso um hábito. Um hábito de fazer com que o vinho seja uma coisa saudável, o suco de uva – sei que está aqui também – saudável, para entrar na mesa do brasileiro. Zaneti, esse livro que você me deu, eu preciso de muitos porque, para cada país que eu viajar, eu posso dar para cada presidente que eu encontrar uma relação dos nossos vinhos: estão aqui os nossos vinhos. Poderemos dar garrafas de vinho de presente, poderemos fazer... por que nós não podemos fazer essas coisas que todo mundo fez, e todo mundo conquistou espaço?

É um pouco isso, Zaneti, quero dizer para você que nós seremos parceiros. Certamente, o governo tem algumas coisas para fazer, ainda, de ajustes. Sabemos que, às vezes, a competição é um pouco desigual. Tem outros países que já industrializaram, já têm aquilo como produto de exportação. E nós, então, precisamos aperfeiçoar. Eu só queria dizer o seguinte: eu tenho mais três anos de mandato. Aproveitem esses meus três anos e peçam aquilo que vocês entendam que devam pedir, e nós atenderemos na medida do possível. Mas o que eu quero que vocês saibam é que eu quero contribuir para que o País entre no roteiro turístico dos bons bebedores de vinho deste mundo.

Um abraço, parabéns. Vamos ver se o vinho é bom, agora.